

## ***Vencidos e degenerados*, de Nascimento Moraes: entre a ficção e a crítica ao campo literário brasileiro<sup>1</sup>**

Luiz Henrique Oliveira<sup>2</sup>

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS  
(CEFET-MG)

### **Resumo**

Nosso propósito é analisar, a partir das visões de personagens e do narrador de *Vencidos e degenerados* (1915), de Nascimento Moraes, *a natureza das disputas* contidas no campo literário maranhense. Tomaremos por base três premissas formuladas por Pierre Bourdieu: o acúmulo de capitais; seus trânsitos e valores no campo; e os embates entre os “estabelecidos” e os “recém-chegados”. Para isso, levaremos em conta posicionamentos da fortuna crítica sobre o autor e sua atuação num contexto marcadamente racista e, assim, também teremos como apoio teórico as reflexões de Cuti. No livro, de um lado estão os “vencidos e degenerados”, vale dizer os negros, pobres, dotados de baixos capitais de ordem simbólica, econômica e, para o grupo rival, cultural. Tal grupo, também chamado no livro de “os que trabalham por necessidade”, é dotado de menores capitais, numa estrutura social herdeira da escravidão. Do outro lado, há o grupo formado pelos que “trabalham por vaidade”. Conforme estabelece a narrativa de Moraes, é formado por brancos descendentes de famílias herdeiras e beneficiárias da colonização e do escravismo. Ocupam posições de destaque na sociedade e na hierarquia econômica das profissões. A reflexão do texto literário aqui analisado deixa um recado: a entrada e a permanência do autor negro no campo literário maranhense são assinaladas por percalços vários e não enfrentadas por escritores de outros pertencimentos étnicos.

### **Palavras-chave**

Campo literário; *Vencidos e degenerados*; Nascimento Moraes.

Propomo-nos a refletir sobre os posicionamentos de personagens e do narrador acerca do campo literário, contidos no romance *Vencidos e Degenerados* (1915), de José do Nascimento Moraes (1882-1958). Isso porque um dos temas centrais e ainda lacunar na fortuna crítica sobre a obra é justamente a discussão sobre o fazer literário e as condições para seu exercício em uma realidade que oportuniza, a uns, amplo acesso às instâncias de legitimação e, logo, à distinção; e, a outros, apenas o passaporte à periferia (ou à exterioridade) do referido campo. O debate envolvendo os dilemas enfrentados por João de Deus, Olivier e Claudio, por exemplo, intelectuais negros e sem poderio econômico e político (ou se quisermos, em termos de Pierre Bourdieu, sem “capitais” diversos) numa São Luís do Maranhão vacilante entre o desejo de modernização e as heranças da ordem escravocrata bem se assemelha ao conflito do autor do romance e sua trajetória.

Nascimento Moraes (1882-1858) atuou como jornalista e cronista em diversos órgãos de imprensa de sua cidade natal. No âmbito da ficção, percorreu os caminhos do romance e do conto, feito que o alçou à cadeira 11 da Academia Maranhense de Letras,

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor do PPG em Estudos de Linguagens e da Graduação em Letras do CEFET-MG.

em 1938<sup>3</sup>. Moraes viveu os seus primeiros 6 anos sob o regime escravista e, logo, experimentou desde dentro o racismo e as consequências de uma abolição injusta e sem processo reparatório. Não é demasiado lembrar que abolição da escravatura, mal resolvida, trouxe consequências irreparáveis à realidade brasileira, como um sistema “quase de castas”, em que, por vias de relações e trocas de capitais de ordem simbólica, os descendentes da casa-grande tendem a ocupar lugar de destaque e os descendentes da senzala ocupariam os lugares subalternos.

Por outro lado, como sabemos, o campo artístico não totalmente é autônomo, suspenso, desconectado da realidade e, considerando o caso brasileiro, estão presentes as heranças da escravidão e do colonialismo. Por isso, arriscamos dizer que, consciente das dificuldades de inserção do negro na sociedade de classes, Moraes escolheu o combate pela palavra, cravada tanto no periodismo local quanto em textos literários de corte realista. Dois argumentos sobre os textos do autor aqui em foco bem sustentam nossos próximos movimentos textuais: a) a natureza das crônicas publicadas em periódicos maranhenses; e b) os recortes temáticos das obras ficcionais, em especial aqueles contidos em *Vencidos e degenerados*, objeto de nossas reflexões.

Consequência do primeiro argumento, defendemos que a escolha pelo tom empenhando seja a explicação para a vestimenta de diversos pseudônimos por parte do autor, a exemplo de “João Paulo” e “Braz Cubas”, utilizados no jornal *A Imprensa*, em 1906 e 1907, respectivamente; de “Um Maranhense”, assinado n’*O Maranhão*, em 1908 (cf. Araújo, 2011, p.56); e “Valério Santiago”. Com relação ao segundo argumento, foi assim, combativa, a obra de estreia do escritor na cena literária, a reunião de crônicas denominada *Puxos e repuxos*, publicada em 1910, de maneira independente (isto é, às expensas do autor) pela Tipografia do Jornal dos Artistas.

Além disso, quando o assunto é a recepção crítica de *Vencidos e degenerados*, principal obra de Nascimento Moraes, há razoável volume de estudos. Em uma primeira vertente, há investigações que discutiram, sob diversos primas, a representação do negro e o lugar que ele ocupa na economia discursiva da sociedade maranhense representada na obra, a exemplo do que fizeram, com riqueza de detalhes, Rosângela Aparecida Ribeiro Carreira (2015), Ana Carusa Pires Araújo e Elio Ferreira de Souza (2017), e Luís Oliveira Freitas (2018). Em outra vertente, há os trabalhos que lançam luz sobre a cidade de São Luís e seus dilemas inerentes à modernização almejada no pós-abolição, tempo abordado pelo romance em foco. Conferimos destaque às contribuições de Jean-Yves Mérian (2000), Manoel de Jesus Barros Martins (2002), Adriana Gama de Araújo (2011) e Paloma Veras Pereira (2018).

Talvez a reflexão que mais se aproxime do nosso intento seja a de Dorval do Nascimento (2012). O pesquisador investiga “as vicissitudes da condição intelectual em um campo literário periférico (...) e as relações entre o campo literário e o campo político” (NASCIMENTO, 2012, p. 32), e, para isso, assim como propomos, também se vale de Pierre Bourdieu. A diferença é que, enquanto Nascimento pretende “compreender as condições do exercício da carreira intelectual na Primeira República, em São Luís/MA, a partir de representações de intelectuais presentes no texto literário *Vencidos e Degenerados*” (NASCIMENTO, 2012, p. 33), nosso propósito é *analisar*, por meio da enunciação de personagens e do narrador, a natureza das disputas contidas no campo literário maranhense, representado no romance, tomando por base três premissas formuladas por Pierre Bourdieu, em *As regras da arte*: o acúmulo de capitais; seus

---

<sup>3</sup> Data da eleição: 05 de fevereiro de 1935. Data da posse: 12 de outubro de 1938. Conferir: <<https://academiamaranhense.org.br/ocupantes/jose-do-nascimento-moraes>>, acesso em 28 fev. 2023.

trânsitos e valores no campo; e os embates entre os estabelecidos e os recém-chegados – no livro referenciados por meio das metáforas “dos trabalham por vaidade” e “dos que trabalham por necessidade”, respectivamente. Para isso, levaremos em conta o lugar de fala de Nascimento Moraes, como autor negro, num contexto marcadamente racista e, para isso, teremos como apoio lateral as reflexões de Cuti, em *Literatura negro-brasileira*. Estes movimentos não estão no profícuo estudo de Dorval do Nascimento, o que faz com que nossos trabalhos dialoguem, aproximem-se e, ao mesmo tempo, mantenham distintas as estratégias e recortes específicos de análises sobre um mesmo objeto.

De acordo com Pierre Bourdieu, o campo literário é definido por uma “**rede** ou configuração de **relações** entre **posições** definidas objetivamente nas determinações impostas aos seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação” (BOURDIEU, 1982, p. 72, marcas nossas). A situacionalidade, para o pensador, pauta-se pelo jogo de “legitimações – trocas e transferências de capitais de ordem simbólica” (BOURDIEU, 1982, p. 72-73) capaz de ascender uns à centralidade e outros à periferia do próprio campo. É nesse universo que se localiza a escrita de Nascimento Moraes. Embora tenha sido responsável por volumosa produção, os seus escritos causaram significativo incômodo em inúmeros agentes do campo. Prova disso é o constante debate sobre o teor combativo da escrita do autor.

Ciente de estar envolvido num universo de disputa e em posição nada hegemônica, Moraes não se escusa de discutir, no âmbito de sua produção literária, questões centrais para o estabelecimento dos autores periféricos (e dele mesmo) na cena cultural. É de se considerar, todavia, que o autor insere em seus escritos, mais especificamente em *Vencidos e degenerados*, reflexões que vão além dos aspectos repisados pela crítica. E uma vertente destes aspectos é justamente a discussão da transferência de capitais, que seria amplamente estudada, posteriormente, por Pierre Bourdieu em vários trabalhos.

Para Bourdieu, os capitais são sinônimos de poder, ou seja, ativos de ordem simbólica que conferem distinção na sociedade. Tais ativos se articulam de tal forma a sustentar determinadas posições num campo específico, como o literário. Bourdieu elabora uma tipologia com três categorias de capitais: o capital econômico, o capital social e o capital cultural. O autor identifica, ainda, uma quarta forma, denominada capital simbólico, que corresponde a qualquer uma das três formas de capital na medida em que são apresentados no contexto social (BOURDIEU, 1986, p. 26)<sup>4</sup>. Fiquemos apenas com as três principais formas.

O **capital econômico** corresponde ao manejo de dinheiro e de propriedades e é o fundamento de outras formas de capitais, podendo ser transformado nelas a partir de procedimentos adotados pelos agentes sociais (BOURDIEU, 1986, p. 26)<sup>5</sup>. Já o **capital social** se refere às redes de relações e “obrigações” estabelecidas entre partícipes de uma determinada comunidade. Geralmente, pode ser convertido em econômico ou assumir formas de títulos e epítetos distintivos. Não seria demasiado afirmar que ele é o atestado de pertencimento a um grupo e, por isso, o sociólogo defende que o acúmulo deste tipo de capital reproduz relacionamentos duradouros e úteis, os quais podem garantir ganhos

---

<sup>4</sup> Como optamos pela tradução livre no corpo do artigo, deixamos aqui as palavras constantes no texto base de Pierre Bourdieu. “Symbolic capital, that is to say, capital – in whatever form – insofar as it is represented, i.e., apprehended symbolically, in a relationship of knowledge or, more precisely, of misrecognition and recognition, presupposes the intervention of the habitus, as a socially constituted cognitive capacity”.

<sup>5</sup> “Capital is accumulated labor (in its materialized form or its ‘incorporated,’ embodied form) which, when appropriated on a private, i.e., exclusive, basis by agents or groups of agents, enables them to appropriate social energy in the form of reified or living labor”.

materiais ou simbólicos (BOURDIEU, 1986, p. 26)<sup>6</sup>. Por fim, o **capital cultural** consiste em ativos sociais acumulados por uma pessoa ou grupo. Estes ativos são responsáveis pelo estabelecimento de distinção e reconhecimento por aqueles que o possuem. Fazem parte deste conjunto de capital a educação, o cultivo de artes, o uso de certas vestimentas, os comportamentos de consumo, a posse de bens e a aquisição de serviços, por exemplo (BOURDIEU, 1986, p. 26)<sup>7</sup>.

Não queremos a aplicação imediata da caracterização de campo e capitais de Pierre Bourdieu à realidade em que se inserem Nascimento Moraes e sua ficção. O campo analisado pelo pensador francês é peculiar e bem distinto do maranhense. Contudo, considerando limites e proporções, os conceitos bordiesianos podem nos oferecer chaves potentes de leitura. Sobretudo se levarmos em conta que o campo em que *Vencidos e degenerados* se localiza, além de dotado por boa parte das dinâmicas apontadas por Bourdieu, também está marcado pelas possibilidades e limitações da cor de pele de quem escreve.

Cuti publicou *Literatura negro-brasileira* (2010), obra na qual discute temas como autocensura, identidade textual e vida literária. Os três elementos centrais da discussão empreendida pelo autor paulista - autocensura, identidade textual e vida literária - vistos em conjunto e em relação com os aportes teóricos formulados por Pierre Bourdieu - bem podem nos servir como chaves de leituras adicionais para analisarmos tanto a trajetória de Nascimento Moraes, como a economia discursiva a respeito do campo literário contida em *Vencidos e degenerados*.

Cuti inicia sua teorização criticando uma postura ainda recorrente nos dias atuais, sobretudo por parte da do público não especializado: a relativamente pequena presença de autores negros na cena literária, fato aliás, nada tão distinto do nosso contexto de análise. Cuti explica que a invisibilidade do escritor de pele escura se deve em primeiro lugar aos resultados de uma abolição malfeita e sem nenhum processo reparatório, cujo resultado foi a marginalização da pessoa negra em suas mais variadas formas. Tal cenário remonta, por exemplo, à realidade de Nascimento Moraes e as lutas travadas para sua afirmação no periodismo na ficção. Cuti nos lembra que o autor negro, quando ousa escrever textos de natureza polêmica, não raro “paga o preço pelo conteúdo não desejado pelas instâncias de poder estabelecidas na área” (CUTI, 2010, p. 51).

Cuti, desta forma, aponta os fatores que julga essenciais ao desenvolvimento de uma literatura feita por pessoas negras:

o acesso à alfabetização, à leitura e à prática da escrita literária, aquisição de bens culturais, disponibilidade de tempo, isolamento físico com espaço adequado para produção de textos, equipamentos para escrita e pesquisa, crise de identidade gerada principalmente pelo afastamento cultural, o que faz o autor lançar-se em busca das raízes perdidas, competição social, de onde se dá o encontro com a prática do racismo e a conscientização de que ela implica vários aspectos (econômicos, psicológicos, religiosos, estéticos etc.) (CUTI, 2010, p. 29-30).

<sup>6</sup> “Social capital is the aggregate of the actual or potential resources which are linked to possession of a durable network of more or less institutionalized relationships of mutual acquaintance and recognition – or in other words, to membership in a group”.

<sup>7</sup> “Most of the properties of cultural capital can be deduced from the fact that, in its fundamental state, it is linked to the body and presupposes embodiment. The accumulation of cultural capital in the embodied state, i.e., in the form of what is called culture, cultivation, Bildung, presupposes a process of embodiment, incorporation, which, insofar as it implies a labor of inculcation and assimilation, costs time, time which must be invested personally by the investor. Like the acquisition of a muscular physique or a suntan, it cannot be done at second hand (so that all effects of delegation are ruled out)”.

Historicamente, o acesso à escolarização adequada tem sido privilégio para poucos em nosso país. As distintas realidades escolares acabam espelhando as divisões da sociedade em seus estratos econômicos. Numa sociedade herdeira da escravização, onde Nascimento Moraes estava inserido – e sobre a qual seu romance discute – a estratificação também segrega pela cor da pele. Como destacam Marco Antônio Beltine de Almeida e Livia Sanchez (2016), somente a Constituição Imperial de 1824 previu uma educação primária gratuita a todos os cidadãos. Asseveram os autores que essa determinação excluía os escravizados, já de partida, do acesso aos estabelecimentos oficiais de ensino, mas possibilitava que a população negra liberta frequentasse essas instituições. Esta foi a “brecha” encontrada pelo autor maranhense, aqui analisado, para a frequência à escola e, posteriormente, para o exercício da escrita na cena pública. A escola era, então, entendida como “forma de civilizar os grupos vistos pelas elites como impeditivos da coesão social brasileira” (ALMEIDA & SANCHEZ, 2016, p. 235), fato destacado pelo romance *Vencidos e degenerados*, dada a divisão entre dois grupos bem demarcados – o dos brancos ricos em capitais e dos pretos pobres em capitais e que ousavam a bater na porta do campo literário. Almeida e Sanchez (2016) destacam ainda que “em alguns momentos do desenvolvimento da instrução pública, em diversas províncias, foi oficialmente negado o acesso da população negra às instituições escolares” (ALMEIDA & SANCHEZ, 2016, p. 236). No romance em questão temos uma personagem que bem exemplifica esta questão: João de Deus, poeta, compositor e músico autodidata. Tal situação contrasta com a realidade dos jovens personagens pertencentes às famílias ricas brasileiras, evidentemente brancas, educadas em instituições religiosas de prestígio e em tempo integral. Vejamos como o texto se manifesta sobre João de Deus e suas habilidades artísticas:

Um caboclo, metido num fato preto, de chapéu de palha, já muito usado e gasto, perguntou a Cláudio se ele sabia quem era o autor da valsa; ao que Cláudio respondeu que ignorava. O homem não se conteve. Aproximou-se do mestre da banda, que conversava com algumas raparigas, e fez-lhe a mesma pergunta:

- É do João de Deus, um compositor maranhense.

- João de Deus! É esse mesmo. Não podia ser de outro. Eu bem que estava conhecendo. É um bruto!

Um grupo que estava junto do caboclo, e que ouviu a declaração do mestre, começou a falar sobre João de Deus.

- Se este rapaz tivesse quem o protegesse iria longe.

- Com certeza, - confirmou o outro. – Tudo isso que ele escreve, é só Inteligência. Se ele cultivasse... (MORAES, 2000, p. 199)

Ao nosso ver, o trecho articula três dimensões dignas de discussão e que dizem respeito aos acúmulos de capitais – capital social, cultural e econômico - necessários à atuação no campo literário. Em primeiro lugar, está o talento artístico de João de Deus (capital cultural), que se evidencia o texto com a dificuldade em desenvolvê-lo, daí o caráter “bruto” de sua valsa e que carece de “cultivo”, conforme denuncia o livro. Em segundo lugar, não foi possível à personagem João de Deus justamente o “cultivo” de sua “inteligência” porque durante sua trajetória esteve ela envolvida com questões imediatas de subsistência. A luta pela obtenção do sustento próprio, desde a tenra idade, faz com que não só João de Deus, na economia da narrativa, mas com que diversos sujeitos pobres tivessem que ocupar seu tempo com tarefas práticas, ao contrário do que acontece com

filhos das famílias mais abastadas. A falta de capital econômico faz com que estes usem seu tempo livre, garantido pelo poderio econômico, para desenvolvimento de habilidades e competências apreciáveis e desejáveis no campo intelectual. Algo que os mais pobres não têm condições de fazê-lo. Em terceiro lugar, determinadas habilidades ou, melhor dizendo, capitais, são construídos nas relações entre os participantes do campo. São de ordem social. Como João de Deus poderia desbravar o campo, sem ter “quem o protegesse”?

O romance em questão não se exime do debate e prossegue contrastando duas categorias de artistas e/ou intelectuais que povoam o campo literário maranhense. Nas palavras de Moraes, são os que “trabalham por necessidade” e os que “trabalham por vaidade” (MORAES, 2000, p. 56-57). Vejamos:

São estes [os que trabalham por necessidade] os futuros guarda-livros, os empregados de escritórios, os gerentes das grandes casas comerciais, porque, enquanto aqueles [os que trabalham por vaidade], deixando o serviço em que se distraem, correm aos folguedos, aos namoros e aos bailes, eles, os pobres e sacrificados por necessidade, procuram habilitar-se nas aulas noturnas, onde estudam as matérias que são precisas para lhes preparar o espírito para os mais importantes postos de sua profissão (MORAES, 2000, p. 57)

Consequência da educação desigual e conseguida a duras penas, o autor negro (como João de Deus e o próprio Nascimento Moraes) tem dificuldades financeiras, na maioria dos casos, em obter bens culturais, os quais possam ajudar a nutrir suas produções. Não menos importante, nota-se a disponibilidade de tempo, já que quanto menos escolarizado o sujeito, menos tempo livre o sujeito tende a ter e menor sua condição de se dedicar a atividades de ordens intelectuais, tais como leitura e escrita. Atestam nosso argumento o estudo estatístico “Evolução dos retornos da escolaridade no Brasil”, desenvolvido por Marcos Ribeiro, Fernando Barros Jr. e Luciano Nakabashi (2022). Segundos os estudiosos do tema, um ano adicional de estudo, em média, tem maior impacto positivo nos rendimentos dos indivíduos mais escolarizados<sup>8</sup>. Este impacto não se dá somente na função assalariada, mas também na condição de empreendedor. O tempo livre para dedicação aos estudos (ou seja, ao cultivo do capital cultural e sua transferência para as formas social e econômica) é apontado na pesquisa de Ribeiro, Barros e Nakabashi como fator relevante. Por sua vez, o romance em questão já se adiantara ao debate, ao trazer, em contornos ficcionais, as formas de composição do campo literário maranhense (e de retorno de capitais) de fins do século XIX e início do XX:

Os que trabalham por vaidade pertencem, na sua maioria, às antigas famílias do Estado, ou às de que delas descendem. Os necessitados são, na maior parte, oriundos do povo, pertencem às famílias pobres e desprotegidas que não se misturam com as que representam a fina flor da sociedade. Os que trabalham por fatuidade são, como os portugueses, mandados buscar nas vilas de Portugal, futuros patrões, diretores de banco, os proprietários capitalistas. (MORAES, 2000, p. 57)

---

<sup>8</sup> Os autores explicam que esse padrão não é exclusivo no Brasil. Em âmbito mundial houve mudança no padrão dos retornos econômicos da escolaridade, “que antes era côncavo e passou a ser convexo, ou seja, a educação adicional tem um impacto proporcional muito maior nos salários de trabalhadores com níveis educacionais mais altos que nos mais baixos” (RIBEIRO; BARROS JR & NAKABASHI 2022, p. 13-14).

O texto de Nascimento Moraes, em tom de denúncia, dispara contra a configuração da imprensa maranhense da época, local onde atuavam os ficcionistas: “servida por um grupo de rapazes que gratuitamente trabalham, contentando-se com o representá-la nos bailes, nas festas, nos banquetes e no teatro” (MORAES, 2000, p. 97). Bailes, festas, banquete e teatro são ocasiões de trocas de capitais, que começam pelo social, passam pelo cultural e chegam ao econômico, numa rede de retroalimentação contínua entre pares e de exclusão de diferentes. Se, por um lado, há os que podem trabalhar gratuitamente (leia-se, colocar-se no campo literário ao escrever inclusive ficção nas páginas dos periódicos) porque o sustento está garantido, por outro lado há os que só podem fazê-lo se for de modo remunerado, como ocorreu com o mulato João Olivier, “o vibrante e inesquecível cronista maranhense” (MORAES, 2000, p. 97) que, morrera ao voltar de Belém, para onde fora “depois de alguns anos de ostracismo em sua terra” (MORAES, 2000, p. 97). Olivier terminou seus dias exercendo a função de guarda-livros, cujo ordenado lhe concedia pagar apenas “as despesas urgentes. A crônica não lhe rendia nada” (MORAES, 2000, p. 97).

O livro não para por aí e escancara, novamente em tom de denúncia, o *modus operandi* dos diferentes grupos no campo intelectual maranhense. As cenas referentes aos contextos de fundação do jornal *O campeão* - resultado da articulação entre os “recém-chegados”, isto é, pardos, preto e pobres que trabalham por obrigação – e do jornal *O triunfo* – produto da resposta dos “estabelecidos”, ou seja, brancos e herdeiros dos melhores postos sociais e econômicos, tidos no texto como aqueles que trabalham por gratuidade - são paradigmáticas.

Os encontros periódicos da mocidade maranhense era elemento central na socialização daquela comunidade. Saraus, serestas, bailes e festas ditavam tom dos encontros afinados quase sempre pela polêmica pública. É neste cenário, após não encontrar espaço nos principais órgãos de imprensa da província, que Claudio Olivier (filho do lendário polemista João Olivier) e Plácido Monteiro, sob a orientação intelectual do Velho Bento, referência de imprensa abolicionista, conseguem se articular em uma espécie de grêmio literário e fundar o jornal *O campeão*, tabloide de quatro páginas, uma folha de papel dobrada, segundo descrição do narrador do livro, que também destaca a impressão nítida e a paginação agradável. O órgão trazia exclusiva e farta colaboração dos sócios do grêmio: contos, sonetos, quadras, pensamentos e charadas. Coração do veículo, o artigo de fundo era sempre escrito por Cláudio Olivier e retocado pelo Velho Bento. Tal texto ocupava duas colunas e meia. Conforme o romance, “era uma apresentação em que se pedia, de chapéu na mão, a complacência do público e dos inteligentes, mas que se dirigia também para a baixa crítica, para os reles” (MORAES, 2000, 106). O narrador ainda arremata: “para os sistematicamente despeitados a redação tinha um azorrage implacável” (MORAES 2000, p. 106). Golpes que viriam com mais força justamente da pena de Olivier e Bento.

Acreditamos que a referência à dificuldade financeira do jornal (mesma dificuldade da imprensa proletária que publicou Nascimento Moraes pela primeira vez) seja aqui metáfora das dificuldades de seus partícipes. Afinal, de “chapéu na mão” também todos procuravam apoio financeiro ou mesmo proteção para que o órgão pudesse continuar com seu “azorrage implacável”. E, como pano de fundo, os gremistas tentavam ocupar a cena intelectual e artística de São Luís. Isso porque o Campeão não cansava de situar as injustiças e nomear os autores das mazelas da localidade. Um jornal nas mãos de jovens pretos e pobres - que trabalham por obrigação e são uma espécie de recém chegados ao campo literário - significava ameaça, aos olhos das elites locais. E, segundo o romance deixa entender, o pior tipo de ameaça: a da ascensão econômica dos

mais pobres. Em outras palavras, a ameaça da conversão dos capitais cultural e social em capital econômico.

Como sabemos a resposta a tal “azorrague”, para usarmos novamente uma expressão do romance, não tardaria. A fala do desembargador Tomás Brito, um dos atacados pelo tabloide, dadas as suas posturas conservadoras, é sintomática do que viria adiante:

- Vejam o futuro que há por vir por aí! Amanhã os filhos do desembargador Brito serão criados de um Cláudio Olivier, de um Plácido Monteiro, que naturalmente virão ocupar nesta sociedade as mais elevadas e honrosas posições!

[O desembargador Tomás Brito] Disse, e de soslaio olhou os filhos, que sentiram o sangue subir às faces. Era preciso reagir. (MORAES, 2000, p. 108)

De imediato, com amplo estímulo de seus pais, dez rapazes da elite reuniram-se para tratarem de fundar uma associação literária. Conforme explica o narrador do romance, compunham o coletivo, por exemplo,

o filho do presidente da Câmara de uma cidade do interior do Estado, o sobrinho de um desembargador do Superior Tribunal e o filho de um deputado estadual. À sociedade denominaram *Clube Odorico Mendes*<sup>9</sup>, e logo trataram da fundação de um jornal que se chamou - *O Triunfo*. À reunião, que se efetuou na sala nobre da Câmara Municipal, estiveram presentes muitas senhoras e cavalheiros, membros e amigos das famílias a que eles pertenciam. (MORAES, 2000, p. 108)

O trecho chama a atenção, em primeiro lugar, para a imediata relação dos membros do clube com os poderes instituídos. Por certo, capitais de ordem social, econômica e cultural tendem a facilitar o trânsito deste grupo de jovens pela cena intelectual maranhense. Prova disso é a apropriação da câmara municipal para a cerimônia de lançamento do jornal do grupo. Tal acolhida seria inimaginável pelos garotos de *O campeão*. O patrimonialismo - entendido aqui como apropriação privada de recursos e bens públicos - parece ser autorizado pelos mesmos atores sociais que deveriam zelar pelo bem do Estado. Se o sangue na face do desembargador Tomás Brito é metáfora para tal prática, a presença no evento de “senhoras e cavalheiros, membros e amigos das famílias a que eles pertenciam” é o corolário do consentimento apropriativo, sem peias, por parte das elites locais. Conforme o romance sugere, são elites que se diziam republicanas e liberais; mas dependentes do Estado. O narrador, a este respeito, não deixa dúvidas: “durante a reunião, na qual se ouviram cinco discursos, tocou à porta do edifício a banda de música do Corpo de Infantaria do Estado. Isto foi a 15 de novembro” (MORAES, 2000, p. 108). Dois são os indícios do caráter apropriativo do estado promovido pelas elites locais. O primeiro, a mobilização de uma instituição pública, a banda militar, para fins, a rigor, de ordem privada. E, de modo mais sintomático, a referência ao feriado de proclamação da república. Aliás, república defendida e em grande medida implementada pelos mesmos grupos outrora escravocratas.

Além disso, o nome do jornal também opera sentido metafórico e trava pronto diálogo com o título do livro. Afinal, a vitória de que trata o livro, a rigor, é a dos poderosos de *O campeão*. Estes, os vencedores, pressupõem os degenerados, isto é, os

---

<sup>9</sup> Manuel Odorico Mendes (1799-1864) foi deputado, poeta, tradutor e publicista. Herdeiro de posses, defendeu ideias liberais e a proclamação da república.

vencidos da história, a quem no livro cabe o triunfo em uma batalha apenas, não a vitória plena e definitiva nas disputas sociais. Talvez por isso o livro sugira que o termo “degenerados”, já no título, faz referência não apenas ao sentido de derrotados, mas de apagados, silenciados de qualquer hipótese de memória na cena maranhense.

A reflexão final de Cláudio Olivier, ao perceber-se sem lugar em sua comunidade, dadas as intensas disputas travadas com os poderosos do campo literário, não deixa dúvidas da impossibilidade de permanência dos sujeitos pobres e negros no campo literário em questão. Assim diz a personagem: “Por estes prejuízos, sofro eu. Pobre, sou repellido da casa dos ricos; dos pobres que querem passar por sábios, repelem-me também; [...] os meus irmãos desprezam-me, como os brancos. Já é ter muito pouca sorte” (MORAES, 2000, p. 189). Não se trata de sorte, mas da própria configuração das regras do campo, “aceitas” pelos participantes e tornadas “naturais” por todos que nele atuam. E, por certo, não há como ser diferente, porque o campo, para se sustentar como tal, precisa se dotar de aparência própria, embora, como sabemos, sempre coladas nas estruturas sociais. Por isso, Cuti (2010, p. 47), a partir de paradigmas bourdieusianos, sublinha que o fazer literário constitui um ato de distinção e poder: o poder de falar sobre si mesmo, sobre o mundo e, principalmente, sobre a existência no mundo. “É pelo poder da escrita que o sujeito pode abandonar sua posição de *outro* e representar a si mesmo enquanto indivíduo” (CUTI, 2010, p. 47). Em outros termos, falar e ser ouvido é um ato de poder. Por sua vez, escrever e ser lido também o é. E este é justamente o dilema crucial, ao nosso ver, que motiva a construção das visões do campo literário segundo *Vencidos e degenerados*.

A esta altura, procuraremos encerrar a nossa leitura do romance sublinhando o caráter combativo da escrita de Nascimento Moraes.

O grupo formado pelos que “trabalham por vaidade”, conforme estabelece a narrativa de Moraes, é formado por brancos descendentes de famílias herdeiras e beneficiárias da colonização e do escravismo. Ocupam posições de destaque na sociedade e na hierarquia econômica das profissões. A cor aqui estabelece uma espécie de linha divisória entre os ocupantes do campo literário. Isso porque este segundo grupo é dotado de capitais (econômico, social e cultural) e, por isso, consegue mobilizar atores, instituições e forças mais facilmente. Logo, ocupam a centralidade do campo literário, ou, se quisermos usar palavras de Pierre Bourdieu, são os “estabelecidos”. São os “campeões” de uma luta desigual e simbólica, aparentemente dotada de regras próprias, mas que, ao fim e ao cabo, reproduz as disputas da sociedade maranhense, conforme sugere o texto.

A reflexão do texto literário aqui analisado deixa um recado: a entrada e a permanência do autor negro no campo literário maranhense são assinaladas por percalços vários. Este argumento, adiantado por Nascimento Moraes, é retomado por Cuti, décadas após a publicação do livro. Logo, além do debate referente ao campo literário, Moraes estabelece uma visão suplementar na lógica de sua narrativa: a cor de pele é também capital de ordem simbólica, ao menos para a atuação no campo literário maranhense de fins do século XIX e início do XX.

## **Agradecimento**

Agradecemos a FAPEMIG e ao CEFET-MG pelo apoio financeiro a este trabalho.

## **REFERÊNCIAS**

- ARAÚJO, A. G. de. *Em nome da cidade vencida*: a São Luís republicana na obra de José do Nascimento Moraes (1889 - 1920). 2011. 135 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.
- BOURDIEU, P. The forms of capital. In: RICHARDSON, J.. (Ed.) Handbook of theory and research for the sociology of education. New York: Greenwood, 1986, p. 15-29.
- BOURDIEU, P.. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução: Trad. Sérgio Miceli. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BRAS, H. X.. *Os marginalizados pela república*: o discurso sobre modernidade e cidadania na obra de José Nascimento Moraes. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas, Letras e Artes) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2011.
- CRUZ, M. dos S. A produção da invisibilidade intelectual do professor negro Nascimento Moraes na história literária maranhense, no início do século XX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 36, nº 73, 2016. p. 209-230. <http://dx.doi.org/10.1590/1806-93472016v36n73-011>.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- JORNAL DOS ARTISTAS, São Luís, ano 4. N. 73. 1903, p. 1. Disponível em [http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc\\_bpbl/acervo\\_digital/arq\\_ad/20160525165402.pdf](http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/sgc/modulos/sgc_bpbl/acervo_digital/arq_ad/20160525165402.pdf), acesso 27 fev. 2023.
- MÉRIAN, J-Y.. Vencidos e degenerados: um documento sociológico. In: NASCIMENTO MORAES, J. do. *Vencidos e degenerados*. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento de Moraes, 2000.
- MORAES, J. do. *Vencidos e degenerados*. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento de Moraes, 2000.
- NASCIMENTO, D. do. Representações de intelectuais em Vencidos e degenerados, de Nascimento Moraes. *Revista Outros Tempos*, São Luís, v. 9, n. 14, 2012. p. 32-47.
- PEREIRA, P. V.. *As relações de poder em uma cidade em ruínas*: o lugar dos excluídos no romance Vencidos e degenerados. 2018. 176f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.
- RIBEIRO, M.J.; BARROS JR. F.A.; NAKABASHI, L.. Evolução dos retornos da escolaridade no Brasil. In: Anais do 50º Encontro Nacional de Economia, 2022, Fortaleza. 50º Encontro Nacional de Economia. Niterói: Anpec, 2022. Disponível em: <[https://www.anpec.org.br/sul/2022/submissao/files\\_I/i7-2c2550d594272ed85d56ff7027f8cfef.pdf](https://www.anpec.org.br/sul/2022/submissao/files_I/i7-2c2550d594272ed85d56ff7027f8cfef.pdf)>, acesso em 01 mar. 2023.
- SANTOS, M. R.. Nascimento Moraes. In: DUARTE, E. de A.; FONZECA, M. N. S. (Orgs.). *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 1, Precursores.